



Daniel Munduruku

Foi **vovó** que disse

Ilustrações Graça Lima



edelbra

2ª edição, 2ª impressão

Ilustrações: Graça Lima
Projeto gráfico: Victória Piffero
Revisão: Renato Deitos

M965f

Munduruku, Daniel
Foi vovó que disse / Daniel Munduruku ;
ilustração Graça Lima. - 2. ed. - Porto Alegre : Edelbra, 2015.
24 p. ; 20,5 x 27,5cm.

ISBN 978-85-66470-87-1

1. Literatura brasileira – infantojuvenil. I. Lima,
Graça. II. Título.

CDU 82-93

Catálogo na publicação: Mônica Ballejo Canto – CRB 10/1023

2018

Edelbra

www.edelbra.com.br

Central de Atendimento:

51 2118 4404 | cae@edelbra.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida
ou copiada, por qualquer meio,
sem a permissão por escrito da editora.

*Em respeito ao meio ambiente, as folhas deste livro foram produzidas com fibras
obtidas de árvores de florestas plantadas, com origem certificada.*

Gráfica responsável pela impressão:
Gráfica Santa Marta Ltda - CNPJ: 09.098.419/0008-79





Nasci no meio da floresta, onde tem
muitos animais, muita água... É na floresta
que caçamos, pescamos, colhemos. Dela
tiramos nossa comida, nossos brinquedos
e até nossos remédios. Desde pequeno
aprendi a respeitar o chão que a gente pisa,
que a gente dança, que a gente brinca.





A floresta é mágica! Vovó que disse.
Nela tem tudo o que precisamos para
viver bem. A gente aprende a ouvir o que
ela tem a nos dizer e a conversar com ela.
Ela nos protege, nos ensina os caminhos.
Isso, é claro, quando a gente cuida
dela, caso contrário ela manda duendes
ralharem com a gente. E eles podem fazer
a gente errar o caminho, podem preparar
armadilhas pra gente ficar com medo.



Vovô disse que, se a gente não anda direito, pode tropeçar no orgulho. No começo, não entendi, mas depois percebi que ela falava de nossa crença nos espíritos da floresta e que a gente chama de encantados: tem a yara, o anhangá, o curupyra e o mapinguari. Nós diz a crença que quem acha que conhece a floresta e não cuida dela é orgulhoso e pode topar com algum encantado





Vovo disse que para sentir a presença dos encantados é preciso aprender a fazer silêncio. Ela disse que o silêncio fala com a gente. Que fazer silêncio é contemplar a beleza das coisas do mundo. É saber sentir o perfume das árvores. Saber ouvir os animais.





Vovó disse que tem povos que não acreditam nos duendes e espíritos da natureza. Perguntei quem eram esses outros povos, e ela disse que são todos aqueles que não se parecem com a gente, que não conhecem as mesmas coisas, não comem a mesma comida. Vovó disse que nosso povo é muito antigo e estava aqui antes de os outros povos chegarem.





Foi gosto de ouvir as coisas bonitas que a
vovó diz. Mas às vezes me dá um sono. É
que ela tem a voz tão macia que uma vez
dormi no meio de uma história. Já era noite e
eu estava muito cansado. Já tinha brincado e
ajudado minha mãe no roçado o dia todo.
Mas ela nunca fica zangada... apenas ri.





Disse a vovó que quem gosta de onde mora nunca fica zangado nem triste. Bom, agora tenho que ir. Mamãe está me chamando para dormir. Minha rede já está atada bem debaixo da rede dela. Antes ela vai me oferecer um delicioso mingau de banana que vai me ajudar a dormir.





Amanhã será um grande dia: vou completar sete anos. Daqui a mais dois anos não serei mais criança e vou estudar na escola dos **pariwat** da cidade. Quero fazer muitos amigos por lá! Lá eles chamam a gente de índio. Vovó disse que eu não sou índio, que eu sou **Munduruku** e que tenho que ter orgulho.





2

Vovó disse que tem uma coisa que chama preconceito, que a gente precisa saber vencer ele. Confesso que não entendi nada. Para mim todo mundo é irmão. E irmão tem que cuidar de irmão, tem que respeitar, tem que deixar ser feliz. É assim na natureza. Seria bom que fosse assim também entre as pessoas. Agora eu vou. Ah, meu nome é Kaxiborempô!

P.S.: Desculpe o mau jeito, mas eu quis escrever essa cartinha antes do meu aniversário. É meu jeito de dizer que quero ser seu amigo.

